

1948

LUMEN 289

Assistentes da Acção Católica

Ingrederere civitatem

A impressionante Pastoral do Arcebispo de Paris, Sua Eminência o Cardeal Suhard, publicada na última quaresma, é um documento que ficará marcando, segundo a opinião de muitos, um marco decisivo na História da Igreja.

O assunto já todos o conhecem: a Igreja está em crescimento ou em decadência? Em franca retirada ou em ofensiva? Triunfará no século XX ou, pelo contrário, vai nele sucumbir?

A resposta é confiante: a Igreja está em crise, mas em crise de crescimento. *Purifica-se. Rejuvenesce. Santifica-se. Amanhã, pujante de vida, entrará em pleno triunfo.*

Já foi assim em muitas outras ocasiões da História. Voltará a sê-lo de novo.

Mas a condição essencial deste novo triunfo há-de ser outra vez a mesma: *«A que deve a Igreja os seus triunfos sucessivos? As eliminações que soube consentir: crescer é morrer parcialmente. Soube deixar a tempo e sem pena tudo o que, para ela, não era senão um «vestido». Como fermento na massa, a Igreja fundiu-se intimamente com os povos e com as épocas da História; mas, sal que não se torna insípido, jamais se ligou ao destino deles. As estruturas sucedem-se, os tempos renovam-se como uma tenda de pastor. Em nenhum momento coincidem com a Igreja total: está ultrapassa-os e excede-os incomensuravelmente».*

A Igreja triunfará com a condição de consentir nas eliminações necessárias, exigidas pela evolução dos tempos. *Largar a tempo e sem pena o que para ela não é mais do que um vestido!*

O mundo repeliu francamente o individualismo do século XIX e abraçou o social. Este primará, na última metade do século, sobre o económico e sobre o político. E assim se irão sucedendo as formas comunitárias, cada vez mais acentuadas e cada vez mais amplas.

A Igreja há-de despir portanto o vestido individualista e burguês com que aparece ainda aos olhos da multidão. Há-de largar «a tempo e sem pena» todas as velhas tradições externas, ultrapassadas já há muito pelos sentimentos novos e novos costumes, para não se sentir isolada e se não refugiar, como o tem feito tanta vez, no interior dos templos, agarrada a ritos e cerimónias que o povo não acompanha, nem sente, nem vive, por já não as compreender.

Não será este fenómeno, com efeito, a razão de ser do sentimento que se apoderou do clero e dos leigos, de que o mundo se vai precipitar na apostasia, e de que o essencial é rezar, fazer actos sucessivos de reparação à Majestade divina ultrapassada, para evitar que pereçamos com ele? Não será este fenómeno também a razão

de ser desta cobardia, deste respeito humano, desta vergonha de professar o nome de católico, por significar qualquer coisa de velho, ultrapassado, incompatível com os novos tempos? E não será ainda esta a razão pela qual os espíritos corajosos, dispostos a todos os sacrifícios, reagem isolando-se, e aparecendo com maneiras, atitudes e indumentária extravagantes, como querendo fazer recuar o mundo em vez de se enquadrar nele?

A Igreja triunfará consentindo nas eliminações necessárias, e tomando a consciência do seu valor sobreumano, e da sua capacidade divina de captação e conquista dos homens. De facto, ou haveremos de descrever da onnipotência vital de Cristo, ou, acreditando nela, havemos de ter a certeza de sermos capazes de fazer outra vez cristã as multidões.

E é esta a tarefa essencial da Acção Católica: ir despindo o catolicismo dos «vestidos» que já não lhe «ficam bem»; e dar aos sacerdotes e leigos a consciência da sua capacidade de conquista em massa das comunidades modernas.

Para realizar um e outro objectivo, a Acção Católica tem de se «inserir», de se «incarnar» nos problemas humanos que preocupam a massa, ou, por outras palavras, tem de se humanizar, à imagem e semelhança do seu Chefe, que, sendo Deus, se fez homem, plenamente homem, semelhante a ele em tudo, excepto no pecado. Como diz o Cardeal Suhard: «sem «incarnação» não há Igreja» — e pretender negar a vida do homem «segundo a carne», é destruir o próprio sobrenatural e cair no Protestantismo).

O Assistente da Acção Católica terá, portanto, a primacial missão de formar *homens* completos e modernos, capazes de viverem plenamente os problemas humanos actuais: isto é, o homem chefe ou futuro chefe de família, enxertado no ambiente profissional da fábrica, da oficina, do laboratório, da cátedra; absorvido e modelado pelo «meio» social em que habita; preocupado com os problemas económicos e políticos que o atingem em cheio, e a tudo o que tem de mais humano: o pão de cada dia, o lar e a lareira, a família e os filhos.

A sua missão de Assistente não se limita, portanto, a uma formação religiosa teórica — à maneira de professor ou censor eclesiástico — nem à presidência dos actos do culto nas Secções ou nas reuniões de militantes. Ele tem também o dever de se consagrar ao estudo dos problemas temporais e à sua solução: «A Igreja, disse Pio XIII no seu discurso de 20 de Fevereiro de 1946, não pode fechar-se inerte no segredo dos seus templos e desertar assim da missão que a Providência divina lhe confiou, de formar o homem completo...»

Parece, portanto, incontestável que há muitas coisas a rever na actuação futura dos Assistentes de Acção Católica. Que vamos nós fazer?

«Foi esta a pergunta — diz o Cardeal Suhard — que S. Paulo fez a si próprio no caminho de Damasco: «Domine quid me vis facere?» E a resposta também lhe chegou: «surge, ingredere civitatem». Entrar na cidade, tornar-se seu cidadão activo...» eis o programa.

Se conseguirmos fazer dos filiados da Acção Católica homens preparados para «entrar na cidade»: nas oficinas, nos escritórios, nas universidades, no desporto, no cinema, no jornal, na política, nas empresas industriais, e aí, revelar a Mensagem de Cristo a toda a criatura, por mais perversa que seja, então estamos fazendo Acção Católica integral e preparando adquadamente os caminhos do Senhor.

Abel Varzim

*Cum nube
tyr lusitanus e S
sudore ac sangu
ceps, Cardinales,
nialis, vota cleri
mum Dominum
nem de Britto on
num declarare dig
secundae classis c
ditione lusitana a
rum Rituum Con
Joannem de Britto
peculiarem patron
duplici II. classis
et Missa propriis
Rubricis ac Decre*

Tendo sido
tir português da C
rios lusitanos, que